



# Miguilim

revista eletrônica do netli  
volume 6, número 2, Maio-Ago. 2017

## A SOLIDÃO E A INDIVIDUALIDADE DO SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE REPRODUÇÃO, DE BERNARDO CARVALHO



## LONELINESS AND THE INDIVIDUALITY OF THE SUBJECT IN POST-MODERNITY: AN ANALYSIS OF BERNARDO CARVALHO'S REPRODUÇÃO

Ariane Avila Neto de FARIAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA  
RECEBIDO EM 13/06/2017 • APROVADO EM 12/09/2017

---

### Abstract

---

This paper aims, from a comparative perspective, to discuss the postmodern manifestations, highlighting the individualism and the solitude of the postmodern subject, in the book by Bernardo Carvalho, *Reprodução*. Centered on the main character of the novel, the Chinese student, this paper will adopt the notion of Stuart Hall's fragmented identity and the idea that

in the postmodern *era* nothing was made to last, brought by Zygmunt Bauman, to demonstrate that today nothing else is stable. The postmodern man is no longer the unified individual of the past, but rather, without continuity, off-center. However, such a concept of subject brings with it a constant solitude feeling, which assumes a pre-eminent role, since it is a product of the absence of bonds, supported by new technologies. Phones, computers and social networks seem to alienate the subjects of social interaction. Postmodern society is characterized by being the society of communication, of globalization, of information, of plurality, of the dissemination of knowledge, of contact. But it is, paradoxically, the society of solitude. It seems to us that in bearing different facets, fragments of self, man chooses not to adopt a single identity and not to foster closer connections. In this way, we believe that Bernardo Carvalho's work is an instrument for perceiving postmodern solitude as something related to the impossibility of perceiving and dealing with all the essential violence that scares and drags the subject and society of today.

---

## Resumo

---

Este trabalho objetiva, dentro de uma perspectiva comparatista, discutir as manifestações pós-modernas, dando destaque ao individualismo e a solidão do sujeito pós-moderno, no livro do escritor carioca Bernardo Carvalho, *Reprodução*. Centrado no personagem principal do romance, o estudante de chinês, o presente artigo adotará a noção de identidade fragmentada de Stuart Hall e a ideia de liquidez de que na era pós-moderna nada foi feito para durar, trazida por Zygmunt Bauman, com o objetivo de demonstrar que hoje se vive em um espaço onde o duradouro dissolve-se e nada mais é estável, tudo que é sólido desmancha no ar. Partiremos assim, da noção de que o homem pós-moderno já não é o mais o indivíduo unificado de outrora, mas sim, sem continuidade, descentrado. Entretanto, tal conceito de sujeito traz consigo um sentimento de solidão constante, que assume um papel precípuo, visto que é um produto da ausência de vínculos, sustentado pelas novas tecnologias. Vivemos em mundo onde celulares, computadores e redes sociais parecem afastar os sujeitos do convívio social. A sociedade pós-moderna é caracterizada por ser a sociedade da comunicação, da globalização, da informação, da pluralidade, da disseminação do conhecimento, do contato. Porém é, paradoxalmente, a sociedade da solidão. Parece-nos que ao ostentar diferentes facetas, fragmentos do eu, o homem opta por não adotar uma única identidade e por não fomentar ligações mais estreitas. Desta forma, acreditamos que a obra de Bernardo Carvalho seja um instrumento para que se perceba a solidão pós-moderna como algo ligado à impossibilidade de perceber e lidar com toda a violência essencial que assusta e arrasta o sujeito e a sociedade de hoje.

---

## Entradas para indexação

---

**Keywords:** Postmodernity. Bernardo Carvalho. Individuality. Loneliness.

**Palavras-chave:** Pós-modernidade. Bernardo Carvalho. Individualidade. Solidão.

---

## Texto integral

---

Pensar o conceito de pós-modernidade não é uma tarefa fácil, principalmente se atentarmos para o fato de que não há um consenso quando se refere a esse termo, utilizado tanto para indicar o momento cultural e social em que vivemos quanto para assinalar tendências estéticas e culturais. De fato, é na segunda metade do século XX que um processo sem precedentes de mudanças paradigmáticas no modo de se pensar a sociedade é instalado, ao lado de mudanças na história da tecnologia, acarretando uma aceleração avassaladora das tecnologias de comunicação, das transformações econômicas e das descobertas da ciência genética. Assiste-se ao nascimento de diferentes práticas culturais, ao mesmo tempo em que somos apresentados a transformações que trazem à tona questionamentos às certezas existentes, criticando os costumes antes aceitos como legítimos, transformando o homem, suas formas de conceber a sociedade em que vive e seu comportamento diante do mundo.

A ideia de pós-modernidade surge, portanto, nesse momento de crise de valores e de modelos de interpretação do real. Aceita-se que o mundo pós-moderno é um mundo heterogêneo, formado de conceitos que ora se confluem em um mesmo sentido, ora divergem, caminhando em sentidos completamente opostos. A contemporaneidade é um tempo que carrega múltiplas possibilidades de leituras e interpretações, uma época conhecida pela fragmentação da noção do todo que leva a uma conseqüente ascensão da pluralidade de experiências. Tal momento está além das certezas dos discursos, da ideia de unidade, da razão, da ruptura com a noção do permanente, do tempo, do espaço, tudo que era sólido perde sua forma, para assumir outra e romper-se em pequenas frações, em uma eterna mutação, um período marcado por oscilações do saber. À vista disto, os sujeitos são imersos em um novo tipo de achatamento ou falta de profundidade, um novo tipo de superficialidade no sentido mais literal.

Há o surgimento de um mundo construído com base em sistemas, mais objetivo, que impõe os princípios da quantificação e da eficiência a todas as atividades, produções culturais, modos de vida e de cosmovisão. É a chamada globalização do capital, das condições de produtividade, do mercado, do lucro e das exigências desse mesmo mercado, é nesse caos desorganizado que os homens parecem estar perdendo o sentido da vida e o da própria identidade.

O pós-modernismo é um *ecletismo*, isto é, mistura várias tendências e estilos sob o mesmo nome. Ele não tem unidade; é aberto, plural e muda de aspecto se passamos da tecnociência para as artes plásticas, da sociedade para a filosofia. Inacabado, sem definição precisa, eis por que as melhores cabeças estão se batendo para saber se a “condição pós-moderna” – mescla de purpurina em circuito integrado – é decadência fatal *ou* renascimento hesitante, agonia *ou* êxtase (SANTOS, 2006, p.18).

Em um mundo construído a partir da indefinição do conhecimento, o homem pós-moderno, aqui percebido como fruto da interação recíproca com seu tempo e seu espaço – a grande cidade -, embora seja atraente e dinâmico, é um ser vazio de

ideias, evasivo e contraditório. Este homem aprende como perceber o mundo pelos discursos assimilados, reproduzindo, na maior parte das vezes, diversas falas de diversos outros em seu discurso. Diante de uma grande rede de informações, com uma curiosidade insaciável, porém mal direcionada e que não o leva a lugar nenhum, o homem fabrica verdades de acordo com suas preferências, escolhendo o que gosta e rejeitando o que não faz parte do seu cotidiano. Nesta perspectiva, nota-se que na era pós-moderna, a essência das coisas não importa e assim, a existência, o relacionamento com o outro, a ética e a moralidade, as coisas próprias do ser humano são diagnosticadas em estado de crise. É visível que na sociedade atual opera-se o enfraquecimento do vínculo social e, assim, o sujeito tende a minimizar seu campo de investimento de relações interpessoais. Desta maneira, a autonomia individual é então, valorizada e o “eu” é percebido como o princípio e o fim de todas as coisas.

A sociedade pós-moderna – principalmente a urbana ocidental – é caracterizada por ser a sociedade da comunicação, da globalização, da informação, da pluralidade, da disseminação do conhecimento, do contato. Porém é, paradoxalmente, a sociedade da solidão. Dominado pela sensação de permanente e irredutível incerteza, o homem pós-moderno encontra na tecnologia, que assume o lugar antes ocupado por pessoas, a forma mais rápida de ajuste ao imediatismo e à liberdade de mobilidade em um mundo em constante movimento. O surgimento e a consolidação da presença da tecnologia na vida social e privada das pessoas é como uma teia no processo comunicativo, criando o certo tipo de sistema sem nenhum tipo de margem e limite, que permite navegar de diferentes modos em uma infinita estrutura sem reconhecer o princípio e o fim, mas que sustenta a solidão humana, revelando uma falta de compromisso com o campo do outro. Os contatos entre os sujeitos são limitados a computadores e/ou a qualquer outro dispositivo móvel que tenham acesso. Desta forma, é com a instabilidade que surge a angústia, o vazio preenchido pela solidão *on-line*, desencadeando uma crise identitária, a fragmentação e a cultura de consumo.

Percebe-se assim, que o cenário contemporâneo está enclausurado em uma lógica cíclica de consumismo, encorajados por comportamentos individualizados, podendo-se caracterizar os laços, as interações e os vínculos por sua noção efêmera e volátil. O que se vê é o crescimento de relações sociais frágeis e comprometidas com a intensidade do dia-a-dia, que terminam na mesma velocidade em que começam. Tudo se dá de forma súbita, tudo é de certa forma, descartável.

A partir destas constatações, o presente artigo tem como objetivo principal, discutir as manifestações pós-modernas, dando destaque à construção do sujeito e sua identidade, o individualismo e a solidão na pós-modernidade, tendo como base a análise do livro do escritor carioca Bernardo Carvalho, *Reprodução*. Dentro de um estudo comparatista, este trabalho visa a observar a obra de Carvalho em seu encontro com diferentes textos literários ou não, buscando uma contextualização da história e da cultura dialogando com proposições teóricas de outras áreas do conhecimento, como a sociologia.

Em vista disso, o presente trabalho pode ser localizado no campo dos estudos da literatura comparada, partindo-se do princípio defendido por Henry Remak de que a literatura comparada é o “estudo das relações da literatura com outras

diferentes áreas do conhecimento”, e de que é com base nessa relação que se pode ter “uma compreensão melhor e mais completa da literatura com um todo, em vez de um segmento departamental ou vários fragmentos departamentais da literatura isolados” (1994, p.181). Sustentando tal afirmação, Tânia Carvalhal coloca o quanto é necessário “articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História em sentido abrangente” (2010, p.86).

Tomando como base as ideias de autores como Zygmunt Bauman, Stuart Hall e Manuel Castells serão feitas considerações acerca do sujeito pós-moderno e sua identidade, acreditando ser tal análise bastante relevante para o entendimento desse indivíduo. A ideia de liquidez, trazida pelo primeiro autor, será adotada aqui com o objetivo de provar que hoje se vive em um espaço onde o duradouro dissolve-se e nada mais é estável, tudo que é sólido desmancha no ar. A característica fluida das coisas, propriedade do líquido, surge como metáfora para apontar essa nova fase, demonstrando a instabilidade e a propensão às mudanças deste tempo. Ao se pensar no conceito de pós-modernidade, admite-se a importância do discurso nos novos tempos, pensando no impacto que as novas tecnologias têm sobre o sujeito e suas relações interpessoais.

Mais adiante, a investigação defende a ideia de que, no romance, o sentimento de solidão, traço evidente da contemporaneidade, se manifesta de diferentes formas. Para tanto, o presente trabalho detém-se sobre o personagem estudante de chinês e toda a sua ideia de ser o “dono da verdade”, ansioso por informação e respostas rápidas, à espera da senha de acesso à internet, fonte de seu saber. Porém, é importante salientar que, mesmo que aqui não se tenha o objetivo de aprofundar a pesquisa, em personagens como a delegada desesperada e envolvida em missões que não dão certo, a procura de relatórios inexistentes, é possível se perceber que o vínculo de isolamento perante o mundo e o outro é mantido em todos os personagens idealizados por Bernardo Carvalho.

A escolha por monólogos durante todo o texto também, o fato das personagens serem apresentadas ao público de maneira impessoal e o fato de nenhum deles ser nominado, corroboram a ideia aqui defendida de que o romance de Bernardo Carvalho denuncia a fraqueza das relações humanas – por que nos sentimos em um mar de gente e com todas as facilidades de comunicação trazidas pelas tecnologias? -, nos valores e conceitos precários, nas verdades construídas e desconstruídas o tempo todo, no caráter transitório do sujeito e na fragilidade das certezas que se apresentam.

Não se tem como pretensão aqui afirmar que a pós-modernidade com seu questionamento de verdades produziu uma sociedade fundamentalmente solitária. Acredita-se que esse sentimento ou condição, já se evidenciava de certa forma na vida dos sujeitos, com oscilação de intensidade desde tempos remotos. No entanto, é possível perceber uma intensificação da solidão na contemporaneidade, seja ela imputada ao indivíduo, almejada por ele ou mesmo involuntária a ele.

É principalmente a partir da década de 1980 que a literatura brasileira incorpora temáticas relativas à questão da diversidade. Como consequência disto, obras que se esforçaram em dar voz – no âmbito da representação literária – aos diferentes extratos da sociedade surgem. Em uma espécie de deslocamento

espaço-temporal, essa produção literária traz à tona uma identidade híbrida, com a ideia de que não existe um centro – o descentramento típico da era pós-moderna acaba por difundir contínuas mudanças de estrutura, dando origem aos conceitos permeáveis e interagentes de descontinuidade e fragmentação.

O homem pós-moderno já não é mais o indivíduo unificado de outrora, mas sim, sem continuidade, descentrado. Na pós-modernidade, coexistem dentro do indivíduo múltiplas personalidades contraditórias que, segundo Stuart Hall (1999)<sup>1</sup>, andam em diferentes direções sendo, por isso, continuamente deslocadas. O homem, todo o tempo, enfrenta uma multiplicidade de personalidades com as quais se identifica em diferentes momentos. Existe uma confrontação permanente entre o indivíduo na atualidade e as muitas escolhas que este encontra a sua frente. O sujeito pós-moderno não busca somente seu lugar na sociedade ou mesmo sua identidade no mundo, como também tenta entender “o fazer as coisas” na contemporaneidade. Este sujeito vive em meio a um turbilhão de mudanças, de escolhas, de possibilidades típicas da pós-modernidade, convivendo, dentro de si, sensações e sentimentos variados que o tornam fruto de seu tempo.

Percebe-se que, como fruto de todo esse processo, o homem de hoje, conforme defende o antropólogo argentino Nestor García Canclini, já não é mais definido como no passado. Vai-se ficando distante do tempo em que se definiam os sujeitos apartados de suas essências históricas. Desta forma, o que se percebe é que as identidades:

atualmente configuram-se no consumo, dependem daquilo que possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir. As transformações constantes nas tecnologias de produção, no desenho de objetos, na comunicação mais extensiva ou intensiva entre as sociedades – e do que isto gera na ampliação de desejos e expectativas – tornam instáveis as identidades fixadas em repertórios de uma comunidade étnica ou nacional (CANCLINI, 1995: 15).

Diferente do que ocorria na modernidade, o sujeito pós-moderno já não tem sua identidade construída através de ideologias, tendo como base discursos totalizantes, como, por exemplo, o marxismo e o iluminismo. O homem é definido agora, a partir do que consome (revistas, jornais, produtos de uma forma geral): ele é aquilo que tem, o que pode ter ou vir a ter. Ele é aquilo que lê e aquilo a que assiste nas grandes mídias. Como é salientado por Beatriz Sarlo (2004)<sup>2</sup> “as identidades, dizem, quebraram. Em seu lugar não ficou o vazio, mas o mercado”.

Tal ideia é facilmente percebida no texto de Bernardo Carvalho aqui analisado. Desde o momento em que o leitor é apresentado ao estudante de chinês, um dos personagens com maior destaque no decorrer do romance, percebe-se seu caráter diretamente ligado à ideia de consumo. Sem carregar um nome próprio, sendo identificado apenas por uma de suas características – o fato de estudar chinês o caracteriza pelo que por ele é consumido, uma cultura “vendida pela internet” - este é aqui percebido como a representação

do anti-intelectual que ganha espaço, nos dias atuais, graças à internet. Dono de ideias revolucionárias, todas tomadas de seu contato com o mundo tecnológico, as falas do estudante de chinês demonstram que o sujeito pós-moderno nada mais é do que figura “reprodutora” de notícias *online*. Nada passa pelo filtro da razão e tudo que é repassado pela mídia e pelas novas tecnologias, consumida dia e noite por esse indivíduo, deve ser de conhecimento de todos (e claro, reproduzido por todos), já que é tomado como verdadeiro:

Não leu? Pois devia. Não lê o jornal? Aqui não tem wi-fi? Não fui eu que disse. Foi o vice-presidente do Irã. Estou só **reproduzindo**<sup>3</sup> o que eu li. São argumentos dele (vice-presidente do Irã). Está nos jornais, nas revistas, na internet. (CARVALHO, 2013, p.30)

[...] todo mundo sabe, está nos jornais. Qual é o problema? Não vai me dizer que o senhor é dos que acham que a internet é uma entidade do mal controlada pelas grandes corporações da mídia para acabar com a vida privada. (CARVALHO, 2013, p.19)

Nos excertos acima, vê-se que o personagem do estudante de chinês representa essa sociedade cujos valores estão ligados ao poder de acesso rápido à informação e também ao de compra - não se pode esquecer que tal personagem está com passagem comprada para a China, poucos são os que podem dar-se a tal luxo. Ao se olhar para o estudante de chinês, se consegue enxergar o produto legítimo do pós-moderno: o sujeito que vive imerso numa sociedade de consumo (de tecnologia e de mercadorias de massa), que testemunha produtos transformando-se em símbolos de poder. Um sujeito que vive nos limites cada vez mais tênues entre o real e o virtual, ficando fatalmente em dúvida em saber para onde caminhará caso isso lhe for solicitado. Para se estar bem informado, “conectado”, não se pode questionar os fatos dados pela internet, a tecnologia é a fonte de todo o saber e não uma entidade do mal.

Assim, aos poucos, percebe-se o caráter pastiche da personalidade do estudante, isto é, formado por um aglomerado de pequenos pedaços, derivados de momentos com os outros, estes mediados por pequenos aparelhos com internet 24 horas, privado de autenticidade como uma grande colcha de retalhos sem um fio condutor.

Para estar ajustado à sociedade atual, é necessário “estar ligado” às novidades trazidas pelas novas tecnologias. Destarte, o não estar conectado é motivo de espanto para aqueles devoradores de notícias instantâneas disponibilizadas pela internet, como se pode notar na “conversa” do estudante de chinês com o delegado.

O senhor **não leu**<sup>4</sup> que eles (chineses) estão até pensando em instalar uma célula do PCC na estação espacial chinesa, com membros que vão ter no espaço as mesmas atribuições que eles têm aqui na Terra? [...] **Não leu**<sup>5</sup>? Na rede? [...] O senhor **não leu**<sup>6</sup> sobre a ‘partícula de Deus’? O senhor **não**

Na passagem acima, constata-se que o personagem aqui analisado ao questionar o delegado por notícias “jogadas na rede” e notar seu total desconhecimento, exclui a personagem de um mundo onde ajustar-se às diferenças, do “ser aceito” está diretamente ligado com os avanços da tecnologia. Entretanto, é importante ressaltar que a integração e conexão de comunidades em novas combinações de espaço-tempo, do preenchimento de lacunas, conquistada com as novas tecnologias, também é por ela destruída. Na mesma velocidade em que hoje fazemos parte de um grupo, podemos integrar a “turma dos estranhos”. Vivemos em um mundo onde a diversidade é a realidade.

Em *Reprodução*, Bernardo Carvalho parece ir ao encontro às ideias defendidas por Zygmunt Bauman (2001). Para o sociólogo, hoje é o tempo dos mecanismos eletrônicos. Estes comandam a vida do mundo, acelerando e diversificando intercâmbios e comércios, trocas e negócios, até mesmo as relações entre os povos. Com tal velocidade tem-se como resultado o desejo por tudo que as novas tecnologias podem dar. O indivíduo pós-moderno quer chegar às nuvens. Mesmo que o estudando de chinês esteja prestes a embarcar para um “novo mundo”, um mundo que, para ele é o oposto de tudo aquilo em que vive agora, do imediatismo pós-moderno, afinal, como sugerido pelo narrador do livro do escritor carioca, “os chineses [...] mais do que ignorar o estudante de chinês, fingem que não viram nada [...] aprenderam a se comportar” (CARVALHO, 2013, p.13), ele quer a grandiosidade prometida pela nova era; como bem lembrado pelas fotografias do aeroporto, lugar onde toda a narrativa se passa: “[.] fotografia das nuvens: “Desculpe o transtorno. Estamos crescendo para fazer você chegar mais rápido ao céu”. (CARVALHO, 2013, p.13). Entretanto, sabe-se que na mesma velocidade que as notícias chegam ao mundo, elas desaparecem. O que é prometido pelo mundo da tecnologia muitas vezes não é cumprido e nossas promessas vão surgindo, entretanto, todas sem expectativas a longo prazo.

De acordo com Bauman (2001), esse momento histórico em que o homem assume uma identidade fragmentada, é o que ele chama de “modernidade líquida”. Para o sociólogo, os tempos são “líquidos” porque tudo muda tão rapidamente. Nada é feito para durar, para ser “sólido”:

Líquidos mudam de forma muito rapidamente, sob a menor pressão. Na verdade, são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. No atual estágio “líquido” da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem. A temperatura elevada — ou seja, o impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis — não dá ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma maior expectativa de vida. (BAUMAN, 2001, p.56)

Posto isto, de acordo com o autor, é a aparência, simulacro, virtualidade e imagens que passam a desempenhar importância fundamental na vida social e no imaginário das pessoas à medida que se acelera e generaliza o processo de racionalização das organizações e atividades, das relações e estruturas sociais baseadas na técnica, na eletrônica, robótica, informática e na telemática. Mesmo que não se possa afirmar que os dias passam com mais celeridade, as coisas acontecem em maior profusão e de forma concomitante. O romance aqui revisado é um bom exemplo do imediatismo das experiências e ações do homem, a partir do momento em que em um único dia, a história transcorre com inúmeros eventos impactantes na vida de todos os personagens. Tudo acontece na velocidade da rede, na velocidade da *wifi* que o estudante de chinês quer acesso. As redes sociais são a certificação de que tudo está acontecendo, sua história precisa ser contada.

Estamos em uma época, segundo o autor Manuel Castells, que aponta o dilema do determinismo tecnológico como um aspecto que deve ser refutado, em que “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.” (CASTELLS, 1999, p.43).

Segundo Bauman (2001), corroborando as ideias de Castells, com a liquidez dos tempos, com a velocidade das mudanças das coisas, a vida das nações, empresas, instituições e partidos passou, de um modo geral, a ser organizada segundo padrões universais de eficácia e produtividade. Ao olharmos para o texto de Carvalho nota-se que isso é expresso pelo fato de que nem as professoras de chinês do personagem central do romance eram poupadas de tal realidade, eram substituídas sempre visando o lucro da sociedade de consumo pós-moderna: “Nenhuma professora parava na escola. Já era a terceira que ele conhecia em três anos.” (CARVALHO, 2013, p.10). Se o lucro não é obtido, os laços são cortados, como uma amizade que é excluída nas redes sociais em um único clique.

Em *Reprodução* percebe-se que a razão instrumental passou a ordenar tempos e espaços, modos de produção e consumo, modos de ver, pensar e agir. Tal situação, caracterizada como “tempo de mudança”, virada de milênio, resultante da revolução tecnológica e informacional, atinge simultaneamente diferentes pessoas em diferentes espaços, constituindo uma economia global, planetária, uma cultura de virtualidade real, que integra diversas culturas em um único universo eletrônico – o ciberespaço, com suas consequências positivas e negativas. O estudante de chinês vive a globalização, sob os auspícios da eletrônica, da informática, da robótica e da comunicação que invade todo o mundo, modernizando a ordem social, econômica, cultural e pessoal. Este vivencia uma série de rupturas, desníveis sociais, anacronismos, dissonâncias e tensões em toda parte. A história e a cultura, suas relações, processos estruturais, vivências individuais e coletivas, nacionais e mundiais são modificadas cotidianamente. O individualismo e a solidão tomam, assim, o espaço que seria das relações interpessoais na sociedade pós-moderna.

O sociólogo Stuart Hall (1999) aponta três grandes transformações do século XX que o distinguiram qualitativamente dos tempos anteriores: o mundo deixou de ser eurocêntrico após renunciar a Europa como guia intelectual e sede do poder, passando, os Estados Unidos, a ocupar um lugar de prestígio mundial; em termos econômicos, o planeta tornou-se uma unidade operacional, já que as antigas “economias nacionais” recompilaram-se a atividades transnacionais através da

globalização e, finalmente, “a desintegração dos padrões de relacionamentos sociais e a quebra dos elos entre as gerações deu-se em forma de lacunas entre o passado e o presente”. É esse terceiro ponto que mais interessa para a presente análise.

O exame do pensamento pós-moderno, segundo Hall, certifica que o indivíduo sofreu mudanças ao longo de sua história ao passo que, em diferentes estágios, ele detém características peculiares. Entretanto, como o autor ainda afirma, “mapear a história da noção do sujeito é um exercício extremamente difícil” (1999, p.24). Para uma melhor compreensão do homem pós-moderno, discorrendo sobre as afirmações do autor, é importante pensar nas “concepções mutantes do sujeito humano” (1999, p.24). Mediante as progressivas transformações da modernidade, uma nova concepção de sujeito foi elaborada: o “sujeito sociológico”. Verificou-se que sua formação depende diretamente, também, de sua relação com outras pessoas. Hall afirma que é nesse mesmo período que surge um quadro turbido do sujeito: “a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (1999, p.32).

Desse modo, a necessidade de comunicação se reconstrói sob outro enfoque: o individualista. No vazio da troca e no eclipse do face a face, percebe-se o desejo da comunicação midiática, possibilitando relacionar-se, mas ao mesmo tempo permanecer livre e anônimo, intercambiando informações com desconhecidos através do aparato tecnológico das infovias. Bauman (2001) defende que a decadência da comunicação interpessoal marca as pessoas com uma sensação de vazio, de incompreensão, de estar só, de não ser percebido, de estar se perdendo.

Nessa mesma perspectiva, Manuel Castells, em seu texto *A sociedade em rede* (1999), entende que são novas sociabilidades e relações com espaço e tempo que demarcam a vida contemporânea. Nesse ínterim, o indivíduo tem adiante novos mecanismos de interação e de composição de uma identidade própria e múltipla, formação de grupos ou tribos, um novo espaço-tempo a ser experienciado, em que o espaço físico é praticamente eliminado e o tempo acelerado, a fusão homem-máquina. Como resultado disso tudo, tem-se um empobrecimento das relações interpessoais.

A ideia de individualismo tem sido associada ao “encapsulamento” do homem contemporâneo em um tempo e espaço virtual, generalizando-se a ideia de um novo homem que prefere se comunicar com o mundo, sobretudo, através de meios eletrônicos. Neste viés, o estudante de chinês seria a personificação da solidão na contemporaneidade, que toma o espaço cibernético como companheiro e expositor de um “eu” guardado do contato humano, como bem percebido nas passagens abaixo:

O estudante de chinês está a caminho da China justamente para escapar ao inferno dos últimos sete anos, seis deles divorciado, desempregado e estudando chinês [...] o estudante de chinês, que nos últimos anos transformara os comentários anônimos na internet, e em especial os hediondos, em sua principal atividade



diária, aguardava uma urgência e um pretexto para comentar a história [...] (CARVALHO, 2013, p. 09-10)

Ninguém pergunta. O senhor não faz diferença. Porque até lá o senhor já vai estar morto. Qual é a sua idade? Eu já sei que não estou aqui para perguntar. Só queria saber seu signo no horóscopo chinês. Porque tem signo que não se entende com outro e aí nem adianta a gente conversar, porque não vai se entender mesmo, em língua nenhuma, nem em chinês, que é a língua do horóscopo chinês. (CARVALHO, 2013, p. 36)

Nos excertos acima, nota-se que a solidão sufoca o estudante de chinês, levando-o aos solilóquios, a balbuciar palavras incoerentes, em uma mescla confusa de pensamentos e falas, impressões e fatos, desejos e realizações. O sentimento de solidão percebido no decorrer do livro não se refere exatamente à situação objetiva de ver-se privado de companhia externa, mas sim à sensação interna de solidão, à sensação de estar só, sejam quais forem as circunstâncias externas deste sentir, inclusive quando se está rodeado de amigos ou se recebe afeto.

O personagem central vive um estado de solidão interna, produzido pelo anseio onipresente de um inalcançável estado interno perfeito somado à necessidade de exposição nas redes sociais. Como forma de defesa dessa solidão, surge a desculpa de que os sujeitos estão em diferentes níveis de inteligência e entendimento, argumento usado pelo estudante de chinês: “Não dá pra conversar. Não tem interlocutor. Ninguém sabe de nada. Tá difícil encontrar gente do meu nível. Sou um cara informado. Pronto, falei” (CARVALHO, 2013, p. 37). O “cara bem informado” já está acostumado a esse tipo de solidão, que não é dramática, é uma solidão de todos os dias. Solidão urbana. A solidão que sentimos quando estamos rodeados de desconhecidos. A solidão do *delivery*, da mensagem de texto instantânea, do e-mail.

Segundo Bauman no livro, *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), vivencia-se uma era onde os relacionamentos não são realistas e nem fazem parte da realidade. Os que chegam a existir tem prazo de validade, o que não serve é jogado fora. Eles só duram enquanto se está bem. A pós-modernidade é um espaço que não registra a identidade, a relação, a história: esta se limita à informação; a identidade se reduz a um aglomerado de relações numéricas, ou seja, ao número de amigos/seguidores que se tem nas redes sociais, o número de e-mails que são recebidos e encaminhados por dia, o número de notícias lidas e compartilhadas. A relação com o outro, por seu turno, se minimiza à espetacularização. O personagem central do romance aqui analisado faz questão de salientar que tem muitos amigos na rede: “Estou no *Facebook*. **Tenho muita opinião. E seguidores**<sup>8</sup>. O endereço é fácil. Não quer? Tudo bem, não quer, não precisa anotar. Tenho milhares de amigos e seguidores. Mais um, menos um, para mim tanto faz”. (CARVALHO, 2013, p.33). Nessa passagem do livro, usa-se a palavra “seguidores”, uma nova concepção da ideia de amizade: os meus “amigos” são aqueles que concordam com as opiniões instantâneas postadas na internet. Desta forma, os que discordam são rapidamente excluídos.

Partindo-se desta ideia, o mundo pós-moderno revela-se um mundo transitório, prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero (BAUMAN, 2007). É uma nova organização social, atributo de um momento que se define pelo excesso de fatos, superabundância espacial e individualização das referências. Só é promovido o consumo e a circulação, permeados por pessoas sem nome, anônimas, que divulgam o seu cotidiano sem filtro algum, como o estudante de chinês de Bernardo Carvalho que só quer “contar o está acontecendo [...] Nas redes sociais. [...] mandar um *tweet* [...] Avisar [...] aos amigos do *Facebook*” (CARVALHO, 2013, p. 41).

O amigo/seguidor do *Facebook* é aquele que pouco sabe o personagem, mas que ocupa um grande espaço da solidão do recém-divorciado, que anseia por contatos eletrônicos. A vida cotidiana do estudante de chinês é vulnerável aos acontecimentos globais, que diretamente afetam as ações humanas e os próprios contornos institucionais. Sua rotina precisa ser compartilhada, assinalando sua solidão diária e o seu pedido por atenção imediata.

Mas ao mesmo tempo em que este pedido de atenção é feito, há um ceticismo que o homem possa fazer algo em função do outro. Em um mundo cada vez mais interdependente, as pessoas se retraem no individualismo e na privatização de variadas dimensões da vida social temendo pela sua segurança, elas tendem a se desinteressar pela ação coletiva ou pela recomposição das redes de solidariedade social, traduzindo sua passividade e seu medo em votos para aqueles que prometem ordem. A solidão do mundo da internet faz florescer a intolerância ao diferente, um caminho contrário daquele defendido por Bauman, que percebia a pós-modernidade como um momento de maior liberdade e maior aceitação do diferente. Mesmo que o diferente seja comercialmente desejável às vezes, o mundo da internet é lugar de disseminação de ódio ao diverso.

Bernardo Carvalho traz em seu livro um personagem que vai para o caminho inverso do sujeito que vive em uma sociedade formada por um conjunto de individualidades como defendido por Bauman (1999). Para o autor, a pós-modernidade seria um momento onde tolerar a diferença do outro seria uma maneira de reconhecer que todos têm individualidades e que aceitar o diferente é defender nossa própria existência. Porém, em sua fala carregada de preconceitos, este parece defender o contrário daquilo que seria o resultado do fim do horror à ambivalência e do começo da tolerância. O indivíduo diferente de todos, para o estudante de chinês, não é aceitável. Seu discurso é um emaranhado de conceitos “assimilados” por leituras de internet. Ele é o típico sujeito que profere discursos racistas – “[...]os chineses são os judeus da Ásia. E eu concordo, quer saber? Chinês sempre odiou o comunismo (CARVALHO, 2013, p.23), homofóbicos -“Gay? Eu? Gay é a puta que pariu! Imagine! Mas gay? Preferia nascer morto ou aleijado a nascer gay (CARVALHO, 2013, p.136), religiosos e sexistas – “A beleza da mulher é pra mostrar. Crente também. Aquelas saias compridas. Cabelo até a bunda. Não pode cortar. Morro de medo” (CARVALHO, 2013, p. 32), mas que não admite ser minado por preconceitos. Ninguém é bom o bastante para ser seu amigo. Seus preconceitos tomam conta de sua fala.

A individualidade e a solidão do sujeito são então, maximizadas pelas novas tecnologias. Em um momento em que se deveria conviver melhor com as diferenças

e caminhar para um momento de tolerância parece se fazer exatamente o inverso. O outro é visto com indiferença e desprezo, até mesmo quando sofre. O outro não tem os atributos de um amigo. O outro é um desconhecido que está do outro lado de uma máquina e que não apaga os momentos de solidão do homem.

Isto posto, é possível perceber que as mudanças profundas da era pós-moderna vêm provocando transformações que condicionam a experiência humana em todo o mundo. Tais transformações, efeitos de ações como as dos processos de globalização, informatização das redes socio-organizacionais, da crise do sujeito, deixando uma sensação de vazio, de perda de chão, de desequilíbrio, de “desmonte” e “descontrole” jamais vividas historicamente. A globalização constitui este processo de alongamento, na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredam pela superfície da terra como um todo, tudo acontecendo através de objetos eletrônicos, que pelo seu tamanho – cada vez menores – vão representando, metaforicamente, o encolhimento dos sentimentos humanos na pós-modernidade.

A pós-modernidade e a contingência reconstroem a verdade, trazem a dúvida, o múltiplo, a diferença para o centro da definição da atual forma de vida. Mas precisariam de solidariedade, fraternidade, tolerância. Os relacionamentos sociais encontram na sociedade contemporânea pós-moderna, desafios e necessidades de transformação coerentes com a época em que se vive. Nessa ideia de uma constante simulação e mutação, o homem perde-se de si e do outro que o cerca, em razão de que suas facetas são múltiplas.

A internet, o mundo da tecnologia, este espaço propiciador da rede, se mostra um lugar onde a pluralidade e a participação são permitidas ainda que, de certa forma, neste meio também exista a reprodução de padrões sociais já existentes. As sociabilidades são firmadas especialmente em laços fracos, as identidades mudam, as fronteiras são quebradas, as incertezas navegam junto com os indivíduos neste oceano, que ao mesmo tempo permite novas experiências com o pensamento e a cognição, em tempo real e em constante processo de ressignificação.

A solidão, partindo desse viés de interpretação, assume um papel precípua, visto que é um produto da ausência de vínculos. Ao ostentar diferentes facetas, fragmentos do eu, o homem opta, muitas vezes, por não adotar uma única identidade, impedindo-o de fomentar ligações mais estreitas. Dessa forma, ele se isola, tornando-se um sujeito solitário. Os meios eletrônicos surgem para então potencializar as dificuldades dos sujeitos da conversa cara a cara, dos problemas em aceitar as negativas que a vida traz (na rede colocam-se opiniões que não são contestadas).

A obra de Bernardo Carvalho talvez revele que a solidão pós-moderna tenha muito a ver com a impossibilidade de perceber e lidar com toda a violência essencial que assusta e arrasta, apesar de toda satisfação e domínio dos atuais meios de comunicação.

---

## Referências

---

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas.** Tradução Marcus Penchel. Riode Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CANCLINI, Nestor García. “Consumidores do século XXI, cidadãos do século XVIII”. In \_\_\_\_\_ . **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995. p. 13-47.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999;

CARVALHAL, Tânia. **Literatura comparada.** São Paulo: Atica, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade;** trad. Tomaz Tadeu da Silva. Riode Janeiro: Editora DP&A, 1999.

REMAK, Henry. “Literatura comparada: definição e função”. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada.** Textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANTOS, Jair F. dos. **O que é pós-moderno.** São Paulo, Brasiliense, 1986.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

---

## Para citar este artigo

---

FARIAS, Ariane Avila Neto de. A solidão e a individualidade do sujeito na pós-modernidade: uma análise sobre Reprodução, de Bernardo Carvalho. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 2, p. 58-72, maio-ago. 2017.

---

## A autora

---

**Ariane Avila Neto de Farias** é doutoranda em Letras, área de concentração de História da Literatura. Possui graduação em Licenciatura em Letras-Habilitação português/inglês pela Universidade Federal do Pampa (2011) e mestrado em Letras, área de concentração de Literatura Comparada, pela Universidade Federal de Pelotas (2017). Atualmente é assistente em administração da Universidade Federal do Pampa. Tem experiência na área de Literatura, Poesia, Gênero, Literatura Brasileira Contemporânea.